

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad brævium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARY: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christi* (XXXI) O culto publico solemne, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz: — *Figueiró dos Vinhos*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO CRITICA: *O nosso dever jornalístico*, pelo ex.^{mo} sr. Plácido de Vasconcellos Maya; — *A instrução mãe em Portugal*, pelo ex.^{mo} sr. José Maria Guerreiro; — *O peccado mortal*, pelo ex.^{mo} sr. Mendes Rosa. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Questão sobre confins paroquias*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Aos arianos*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Epigramma*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO ILUSTRADA: *Ruth e Booz*; — *Santa Tecla, virgem e martyr*, pela redacção. — SECÇÃO NECROLOGICA: pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

GRAVURAS: *Ruth e Booz*; — *Santa Tecla, Virgem e martyr*.



RUTH E BOOZ

SECÇÃO DOCTRINAL

A Milícia Christã

XXXI

CULTO PUBLICO SOLEMNE

DEUS não se esconde mas antes patenteia-se, e, por mil formas, a toda a hora, e em todo o lugar, aos seres racionais, que tem olhos para ver, e ouvidos para ouvir, e o veem immovel movendo tudo, e ouvem a voz da sua omnipotencia creando, conservando e governando tudo.

Não deve, pois, o homem esconder-se, para dar culto ao seu Deus, que não se esconde, no seu poderio, magestade e munificencia, das creaturas racionais. E se tão solemnemente se nos mostra Deus nos astros do firmamento, na extensão dos mares, no alvorecer do dia e sob o escuro manto da noite, nas flores da primavera e nos sazonados fructos do estio, na aguiã, que se eleva aos espaços e no rouxinol, que canta no amieiro, no vendaval, que abala, no raio que fulmina e no trovão, que ribomba; quem vai negar que se lhe deve de vez em quando render um culto publico, solemne e grande quanto possivel?

O amor, que nos move, a admiração, que nos excita, a reverencia, que nos faz inclinar a cabeça e dobrar o joelho, a gratidão, que nos obriga e a sua vaidade, que nos divinos cultos se sente e tudo grande e pede tambem de vez em quando uma expansão condigna, que manifeste a ideia, que de Deus temos e amor de gratidão e de summa reverencia, que lhe tributamos.

E quando publica e, por desgraça, solemnemente vemos se desacata a Divindade augusta, somos compellidos tambem a desaggraval-a com a possivel solemnidade.

E os povos crentes, que todo o bem de Deus esperam, são consequentes adorando-o com toda a solemnidade.

Mas os cultos sollemnes tem mil outras vantagens nos povos christãmente civilisados.

São elles o formoso livro onde o povo rude melhor lê e no qual melhor comprehende que Deus é o ser mais sublime, mais santo e mais venerando, e onde a infancia innocente principia a descubrir os bellissimos horisontes do obstaculo e sobrenatural, que a enleia em mysterios que a illustram, alteiam e ennobrece.

E' onde o sacerdocio se recommenda ao povo, como uma classe, por seu ministerio distincto, nobre e venerando: ideia esta de não pequeno alcance

na tão importante obra da moralisação dos povos.

A medida que o respeito ao sacerdocio cresce, a moralidade prospera, e quando elle diminue esta descrese; correm ellas sempre em proporção directã.

E não admira que assim seja, porque somente o sacerdocio actua na consciencia dos individuos civilisados, e na dos povos cultos.

As auctoridades civis, administrativas, judiciaes, militares ou commerciaes detem o seu passo, confessam-se incompetentes ao tocarem na umbreira do portico da consciencia.

Ora onde a consciencia o não extorva o vicio avança e o crime campeia. Sem a consciencia não ha policia, que chegue, nem força, que estorve a calumpnia, os odios, as vinganças, o abuso de confiança, a má fé nos contratos e muita outra cousa, que vem perturbar a ordem social, que vale tanto como a felicidade dos povos: e a luz da consciencia aviva-se nos cultos sollemnes, porque ali se aviva a ideia de Deus, e o respeito ao sacerdocio.

Valem tambem esses cultos para humilhar os soberbos, porque perante a magestade dos nossos cultos á Divindade, os que o mundo dedica a essas fatuas entidades apparecem mesquinhos e despreziveis.

Valem tambem para alentar aos humildes, que nem se reveem em grandes lustros, nem dançam sobre aveludados tapetes, e n'estes cultos gosam bem mais que os grandes, segundo o seculo, e tomam alento e se consolam vendo que perante o Deus das Misericordias tanto, pelo menos, vale o pobre como o rico.

N'esses cultos estabelece-se a verdadeira caridade; porque ali todos nos dizemos filhos do Deus, que adoramos e por isso irmãos, que devemos viver em amigavel consorcio, prestando-nos mutua e carinhosa protecção.

A solemnidade d'esses cultos somente ao diabo e aos seus satellites incommoda, offende e perturba, e porisso aquelle, por meio d'estes, os trata de abocanhar, onde não pôde estorval-os.

Os que militamos de coração na milicia christã pugnaremos sempre pela racional conveniencia d'estes cultos, os promoveremos e deveremos cuidar do seu attrahente esplendor, evitando que os venham desvirtuar improprias profanidades.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAVA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 178)

CCLXIV

P. Silvano Perusseau

Tanto por suas virtudes como por sua sciencia e eloquencia, bem como pela sua rara habilidade na direcção espiritual das almas, se tornou assignalado o jesuita Silvano Perusseau, francez, fallecido em 1753. Mas não é só por estas rasões que aqui entra o seu nome.

Perusseau foi algum tempo confessor de Delphin Luiz, filho de Luiz XV, e por morte d'aquelle exerceu o mesmo cargo com o rei de França. Tal era a estima e a consideração de que então gosavam os religiosos da Companhia de Jesus, que os reis e os principes geralmente os escolhiam para directores da sua consciencia.

Não succedia isto só na França, mas em todas as nações catholicas.

O P. Silvano Perusseau e todos os seus confrades, que exerceram o mesmo ministerio na corte de França, procederam sempre dignamente, cingindo-se unicamente ao cumprimento dos seus deveres religiosos, inteiramente estranhos aos negocios temporaes.

E' este o testemunho da historia, digam o que quizerem os inimigos implacaveis da Companhia. E' certo, porém, que alguns d'estes fazem justiça aos jesuitas, como se pôde ver na historia do celebre Gregoire, jansenista e democrata acerrimo.

Pelo que respeita ao jesuita Perusseau, de que nos occupamos, e aos seus collegas no cargo de confessor de Luiz XV, nunca foram censurados nem accusados de se haverem intromettido nos negocios politicos, ou de terem governado a França. Antes pelo contrario.

E' sabido que os philosophos, entre elles o coriphéo de Alembert, os censuraram de não terem sido politicos assás habéis, de não terem sacrificado a propria consciencia á sua fortuna e á da sua Companhia, de terem sido severos intempestivamente condemnando as desordens d'um principe escravo das suas paixões e da corteza sua cumplice. Se assim não fosse, Luiz XV e Pompadour nunca apoiariam a extincção da Ordem de Santo Ignacio.

D'Alembert, na sua obra *Da destruição dos jesuitas*, n'esta parte accusa-os de duas faltas consideraveis: a de terem desagradado á corteza Ma-

dame de Pompadour, e de terem impugnado a *Encyclopaedia*.

Ora note-se bem qual era a falta consideravel dos jesuitas confesores da familia real de França e de Pompadour: era não consentirem os escandalos de uma corteza e de combaterem uma obra impia, verdadeiro arsenal da incredulidade. O seu crime era a observancia do dever.

E prosigamos agora com a biographia do jesuita Perusseau.

Como já dissemos, elle distinguio-se como orador sagrado. Não era certamente dotado d'uma eloquencia como Bourdaloue e Massillon, mas a sua palavra não deixava de ser arrebatadora, tinha um estylo agradável, uma elocução facil, variada, nobre e sempre correcta.

O que não offerece duvida é que os seus sermões tocavam os corações dos fieis e produziam conversões.

—
CCLXV

P. Luiz Cerqueira

É pouco conhecido este jesuita, mas digno de o ser. Nasceu na vil'a de Alvito, no Alentejo (Portugal), no anno de 1552. Foi um dos primeiros que entrou na Companhia de Jesus, sendo ainda muito joven, movido d'uma vocação irresistivel.

Doutorou-se em theologia na Universidade de Evora, creada pelo cardeal rei D Henrique. Em seguida foi designado por seus superiores para ser chefe da missão que Philippe, já então rei de Portugal, enviou ao Japão.

E no entanto foi o P. Luiz Cerqueira nomeado Bispo titular n'aquelle paiz.

Confirmado e sagrado no anno de 1594, em Lisboa, partiu para o seu destino, chegando a Macau no anno seguinte.

Por espaço de tres annos esteve escondido com seus companheiros, por causa da perseguição de Taicosama, inimigo declarado dos christãos. Este cruel imperador martyrisou grande numero de missionarios e outros fieis.

O jesuita Luiz Cerqueira retirou-se a Nangasaki, onde havia um collegio da Companhia que elle dirigiu até á sua morte, 16 de fevereiro de 1614.

Foi o terceiro Bispo titular do Japão.

Escreveu este sabio e virtuoso jesuita varias obras em latim, versando quasi todas sobre as cousas ecclesiasticas do Japão. Publicou tambem um compendio de theologia moral e um ritual sacramentario.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Figueiró dos Vinhos

Estes aqui uma das mais lindas, mi-mosas e florescentes villas que o vagaroso decorrer dos seculos tem creado

• N'este jardim á beira-mar plantado,
• Do qual o mundo inteiro tem fallado! •

Começada a povoar no tempo de D. Affonso Henriques (1147), tendo antes, ao que parece, sido fortificação dos moiros, que cá tem um castello, e mais tarde reedificado por D. Sancho II (1189), que lhe deu a categoria de villa, é hoje cabeça de concelho e comarca do districto de Leiria, bispado de Coimbra.

Tem Misericordia, hospital, direcção de correio e telegraphos, escola, musica, typographia, club, theatro, e boas vias de communicacão entre as principais terras do reino.

Alguns monarchas lhe deram foral, sendo o ultimo D. Manoel, em 1514. Deriva o seu nome das muitas figueiras e vinhos que a circumdavam: o seu brazão d'armas é um escudo com 5 folhas de figueira, tendo em volta a letra:

PRO DEO ET PRO PATRIA

É freguezia de S. João Baptista; e, como concelho, tem mais oito com 18:000 habitantes ao todo, n'uma area de 18:200 hectares, approximadamente. Farta de finas aguas, produz milho, trigo, centeio, legumes, hortalica, azeite, bom vinho e delicadas fructas. Tambem tem gado, caça, e peixe dos rios Zezere e Pera.

Attendendo á sua topographia foi-lhe dada comarca, quizá pela segunda vez, em 1835; transferida para Pedrogão, por erro ou paixão politica, em 1875; e tornada a dar, pela integridade e justiça do dr. conselheiro João Franco, a 16 de setembro de 1895, dia de um festejo louco... em que tocaram cinco philarmonicas no Largo dos Paços do Concelho, hoje do conselheiro João Franco, tendo por essa occasião sido publicada no *Zezere*, semanario da terra, a seguinte poesia:

ATÉ QUE EMFIM!

Vergada ao peso da sorte,
Gomou triste a minha terra
Sem n'o brilho que hoje encerra!
Foram rajadas do norte
Batendo os cuíes da serra!

Mas decorridos vinte annos,
Vinte annos de aberta lica...
Lá lhe fizeram justiça!
Vemham gregos e trovados
Vor Annua aos pés de Edysa!...

Amai a Figueiró,
Povos do concelho todo:
Vinde dar vivas a rodo,
Aos que, vendo-vos no pó,
Vos ergueram... com donodo!

Vinde dar altos louvoros
A Bayões e Vasconcellos,
Já que meus versos singelos...
Pobres, tristes, sem fulgores,
Dar-lh'os não sabem mais bellos!

E tambem ao donodado
Pelejador de primeira,
Que trabalhou seu canceira:
Honra ao nobre, ao illustrado
Visconde da Castanheira!...

Mas a par d'estes heroes
Outro avulta abalisado:
É o nosso deputado,
O que vós sem favor soes
Fazer subir ao Senado!

E portanto, ó povo amigo,
Mostrao qui sois luzitano
No ser grato, franco o lhado:
Ela pois, dizai comigo,
« Viva o senhor Behlanno! »

E tu, Figueiró dos Vinhos,
Ergue a fronte, até qui mesta,
E surri na grande festa
Em que até nos passarinhos
A alegria... é manifesta!

Eil-a pois, eil-a comarca,
A deusa que festejaes...
Porque como filha a amaes;
A que já trez datas marca
De Figueiró nos annos!

Sde o hymno « João Franco »
— Que dizem ser um primor —
Na banda do seu auctor,
Emquanto eu do peito arranco
O meu canto... sem valor...

Subam foguetes aos ares,
Brinque a louca mocidade...
Reveja-se a Equidade
Dos egrogios luminares.
Da reinante magestade!...

Mas no meio d'isto tudo,
Tome o infractor cuidado;
Porque o douto magistrado
Será recto — não me illudo —
Depois do crime provado.

Folga pois, ó terra minha,
Progridindo para o bem;
E pde de parte o desdém
Da tua rival vizinha
Que hoj... ao beija-mão te vem!

E quanto ao que deixo escripto,
Se alguém verso ainda lê...
Faça-me a graça, a mercê
De acreditar no meu dito:
« Quem não é cego... bem vê. »

Mas não é isto que lhe dá nome. Figueiró tem produzido vultos importantes, como por exemplo: um D. Pedro de Figueiró, conego regular de Sancto Agostinho, vulgarmente chamado o *Hebreu*, pelo seu vasto conhecimento que

tinha da lingua hebraica, que interpretou os Prophetas: e El-Rei Philippe II lho deu a cadeira Prima de Escripura na Universidade do Coimbra (1598 a 1621); um Dr. Francisco José d'Almeida Lacerda, governador dos rios de Sena, que, tendo derrotado o rei de Mombaca, (?) empreheendeu, com autorisação do governo da metropole, uma viagem pelo interior na contracosta d'Africa occidental; porém, com tanta infelicidade que, tendo chegado ás terras do rio Cazembe, falleceu (1798); um general Pina, cujas façanhas a historia apontará; um Dr. José Bernardo Baeta de Vasconcellos, abalizado jurisconsulto, apesar de ter morrido novo; e, para rematar, um José Quaresma Val-do Rio, digno progenitor dos snrs. Quaresma Val-do Rio, acreditados negociantes na velha cidade de Ulysses, fallecido a 4 de maio ultimo com 84 annos, notavel commerciante até no estrangeiro, mas mais notavel ainda pela sua rara caridade verdadeiramente evangelica, e pelo seu acrysolado zelo religioso, o qual, tendo sido levado á sua ultima morada n'este mundo 48 horas depois do seu passamento que foi como o d'um justo, não exhalava o mais leve cheiro desagradavel, antes pelo contrario era bastante aprazivel, como afirma o seu numeroso acompanhamento, tendo a pobreza lamentado a sua morte, etc. etc.

E ponto. Ficamos por aqui para dar lugar a umas inscrições algo honrosas para Figueiró, que avultam na igreja matriz, cujo tecto é sustentado por 8 columnas de granito, tendo no côro a data de 1629; na do convento, aonde hoje estão Misericordia e hospital; na cadeira e na capella da Bairrada. A primeira que está esculpida em gothico n'um sumptuoso tumulo de marmore branco, é a da igreja matriz; as quatro seguintes que estão em camparaza, são as do convento; a outra, é a da cadeira; a ultima, a da Bairrada. Eis-as:

•Aqui jaz o muito honrado cavalleiro D. Ruy Mondes de Vasconcellos, filho de D. Ruy Mondes de Vasconcellos, neto de Gonçalo Mendes e de D. Thoreza Ribeiro, o D. Violante de Souza, sua mulher, filha de D. Lopo Dias, Mestre de Christo, nota de D. Alvaro Dias de Souza o do D. Maria, irmã da rainha D. Leonor: os quaes, Jorge Rodrigues de Vasconcellos, seu filho-herdeiro, para aqui fez trasladar na era de Nosso Senhor Jesus Christo do MCCCCLVI. 1456.

•Sepultura do sur. D. Pedro d'Alcagova e Vasconcellos, senhor que foi das villas de Figueiró e Pedrogão, casado com a sur.ª D. Maria de Menezes, o qual falleceu a 13 de setembro de 1617, mandada fazer por sua filha D. Anna de Vasconcellos e Menezes, condessa de Figueiró, no seu testamento.

•Sepultura da senhora D. Maria de Menezes, mulher que foi do sur. D. Pedro d'Alcagova e Vasconcellos, senhores das villas de Figueiró e Pedrogão, que falleceu a 18 de outubro de 1639, mandada fazer por sua filha a

•senhora D. Anna de Vasconcellos e Menezes, condessa de Figueiró, no seu testamento.

•Sepultura da sur.ª D. Anna de Vasconcellos e Menezes, condessa de Figueiró, mulher que foi do sur. D. Francisco de Vasconcellos, conde de Figueiró, senhores da mesma villa e da de Pedrogão: familia do sur. D. Pedro d'Alcagova e Vasconcellos e da sur.ª D. Maria de Menezes, senhores que foram das referidas villas de Figueiró e Pedrogão, a qual, no seu testamento, mandou fazer estas sepulturas a que o seu testamenteiro deu cumprimento por sentença dos corregedores da cidade de Lisboa no anno de 1703.

•Sepultura do sur. D. Francisco de Vasconcellos, conde de Figueiró, casado com a sur.ª D. Anna de Vasconcellos e Menezes, condessa de Figueiró, senhores que foram da mesma villa e da de Pedrogão, mandada fazer pela dita senhora condessa, sua mulher, no seu testamento.

•Esta obra foi construida no anno de 1552, sendo juizes, Diogo d'Aguiar e Garcia Rodrigues; vereadores, Nuno Martins e Afonso Esteves; procurador, Pedro Rodrigues, estando o pão e o vinho a 70 reis.

•Maria Thomada Bolinha, mulher donzella de 76 annos, filha de Gaspar Lopes Bolinha e de Leonor Philippe, mandou fazer esta ermidã á sua custa na era de 1656.

O que isto foi e o que isto é, ó velha Figueiró! Aonde estará agora a sumptuosa grandeza dos teus condes, dos teus poderosos senhores de ha 266 annos?

Tudo acaba, tudo morre, tudo passa! E os grandes potentados... lá vão com toda a sua riqueza e pudorio para o fundo d'um sumptuoso mausoleu! E os pobres mendicantes... lá cahem com toda a sua pobreza e fratura na profundidade d'uma valla escura! E os ossos do rico e do poderoso se confundem com os do pobre e do fraco, porque tudo alli é nada, porque tudo alli acaba, além do sopro de Deus que vão ao seu Creador!

Mas... ainda agora reparo que vinha tratando outro assumpto! O que é a abstracção!... Voltando ao rego, terminarei por dizer que, para a villa de Figueiró ter nome egregio, não era necessario fallar dos mortos; porque além d'outros personagens illustres, a exornam Vasconcellos e Lacerdas, Almeida e Malhães, Paivas e Quaresmas, Serras e Guimarães!

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO CRITICA

O nosso dever jornalístico

TODO o homem de bem que escreve para os jornaes contrahe para com a sociedade o dever sacrosanto de dizer a verdade, mas a verdade verdadeira, deixem-nos assim dizer, segundo o criterio da lei de Deus, que é o unico infallivel e por isso mesmo o unico que

nos leva por caminho seguro ao centro de toda a verdade.

Por isso nós vindo desinteressada e espontaneamente a este campo, temos sempre empregado os meios para que a nossa missão seja desempenhada, tanto quanto possível, dentro dos limites do nosso consciencioso dever e das nossas limitadas forças.

Bem conhecemos a *maxima*, devida a Thereucio, *homo sum nihil humanum á me aliud puto*, mas tambem nós não nos queremos inculcar como isentos de toda a culpa, antes nos confessamos o mais humilde e obscuro dos operarios do bem, lançando á conta do auxilio divino qualquer coisa de bom e util que possa por ventura ter resultado do nosso trabalho.

Estamos profundamente convencido da verdade dos principios, em que fundamos os nossos raciocinios; temos sempre todo o cuidado d'observar o rigor logico nas nossas deducções, habito que adquirimos com o estudo das mathematicas puras, por isso temos confiança nas conclusões a que chegamos. Sabemos que muitos estão no erro de boa fé; mas tambem sabemos que uma grande parte d'elles seguem o erro de proposito e conscientemente só por prestarem culto aos seus maus instinctos e á perversão da sua consciencia.

São estes as pedras d'escandalo, que devem ser expulsos da sociedade como incapazes e má figura. Não nos accusa a consciencia de, em tempo algum, ter atacado traiçoeiramente individuo algum; temos por habito respeitar a todos, não nos mettermos na vida intima das familias, pois para nós o lar é sagrado.

Combatemos sempre de boa fé, e se erramos não é por nossa vontade, mas sim pela nossa fraqueza natural.

Vendo o que se passa entre nós entristecemos-nos, pois que por toda a parte se nota uma verdadeira confusão nas ideias, uma tendencia muito pronunciada para a insubordinação; parece que o espirito das trevas se pretende impôr á consciencia publica, empanando a razão humana, corrompendo os corações e arrastando a sociedade ao abysmo profundo da anarchia.

Bem sabemos que a Igreja Catholica, como sentinella avançada da verdadeira civilização, e como Esposa de Jesus Christo por Elle amparada e protegida, saberá não só resistir ás investidas do inimigo natural da humanidade, mas ainda por fim triumphar por toda a parte, restabelecendo a harmonia social e repondo o mundo moral nos seus naturaes eixos. Mas para que esse facto se realice no mais curto prazo, e para que as ruinas do velho edificio social se não tornem cada vez mais difficeis de ser reparadas, é necessario

que todos os homens de boa vontade se congreguem n'um esforço commum, para auxiliarem a santa Igreja na sua espinhosa tarefa e augusta missão de santificar as almas e restabelecer na terra o reinado da paz, da justiça e da virtude.

Para que as almas se purifiquem e tornem dignas d'apparecer perante o eterno juiz, não bastam os efficazes remedios de que a Igreja Catholica é depositaria: é necessario que da nossa parte haja a necessaria disposição, e que saibamos cooperar com a graça de Deus, para que ella se torne efficaz. Portanto a nossa missão é auxiliar a Igreja no ensino da verdade, cooperando com os seus ministros para se estabelecer no mundo moral uma corrente bastante forte para varrer diante de si as caliginosas nuvens que refractam a luz da verdade, tornando esta menos accessivel á razão humana.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAYA.

A instrucção mãe em Portugal

QUANDO d'ella fallamos ainda não ha dois annos, dissemos que para ali estavam engendrando uma reforma e que havia de sahir asseada, e que mais menos havia de ser o *mons parturiens* da fabula. Não nos enganamos, porque veio á luz um ratinho. Todos sabem que reformar um corpo disciplinar é dar-lhe uma forma melhor. Todas as partes componentes da reforma da instrucção mãe devem de ser perfeitas no seu todo, cujo unico e exclusivo fim deve ser a mais ampla e amena diffusão da instrucção do povo portuguez. Porém não aconteceu assim. Verdade é que augmentaram o ordenado dos professores; dividiram-os em classes, etc. Todavia acabando com os professores do 2.º grau, reduzindo-os ao 1.º degradaram-os, aviltaram-os, e assim os despojaram da sua elevada classe a que tinham direito adquirido, em favor do seu espinhoso exame de habilitação.

Pobres párias da sociedade!

Ora emquanto os professores servem o magisterio lá vão usufruindo esse ridiculo augmento, mas se chega a reformar-se é-lhe quasi reduzido a zero, se antes não for cerceado. Não diremos que se tem dado disparatados absurdos e disparatadas reformas á instrucção mãe!... A reforma de 2 de maio de 1878 e 11 de junho de 1880, ainda que peccava pela base reduzindo o professor á fome, entretanto tinha boas disposições, algumas das quaes não pozeram em pratica.

Nunca impozeram multas nem obrigaram os paes a mandar seus filhos á

escola. Entretanto como viram que o povo se ia um tanto emancipando, deitaram com essa reforma a terra. Depois d'essa queda, uma nova lei reformadora auctorisa as professoras, logo que vague uma cadeira do sexo masculino, a serem providas n'ella, como se deu na Cadeira de S. Braz de Alportel na saída do seu professor, cuja freguezia tem aproximadamente 3 mil fogos e a matricula da escola 200 e mais alumnos.

Os que não souberam apreciar o referido professor, ainda que diminuto numero, tiveram o merecido castigo com a nomeação da referida professora; não por que ella não seja habilitada, mas por que cada professor deve de ser para o seu sexo. Não diremos que vimos chorar muitos paes dos alumnos da referida escola á saída do seu professor.

Torne-mos ao assumpto.

Portugal sendo tão pequeno, em tempos que lá vão, foi tão rico e tão grande em valor que todas as nações o respeitaram. Porém hoje acha-se abatido e humilhado ao começar pela degradação da escola do povo.

E ha ainda quem tenha o descaro de apôdar os tempos antigos em tempos do obscurantismo!...

Se notam defeitos n'esses governos em não diffundirem a instrucção, por que a não desenvolveram em seu tempo? No dilatado espaço de mais de 60 annos por iniciativa official pouco se tem feito.

O Zé povinho que pela primeira vez vê um espantallo da fome arvorado em professor publico da sua freguezia, vê n'elle uma estatua digna de irrisão e desprezo!... tracta logo e logo de arranjar um professor particular, por não ter confiança no que foi despachado.

Eis que as regateiras, antipathisando com elle começam de lingua afiada a fallar mal d'elle levantando-lhe calumnias e inventando defeitos que ao pobre diabo nem de leve lhe veio ao pensamento, com o fim de fazer propaganda para tirarem os alumnos da escola publica para a particular e muitas vezes quasi habilitados e lá leva maior numero, por esta forma, que o professor publico ao exame.

Querido leitor, estaria o professor exposto ao que deixamos dito se quem o despachou lhe desse a devida consideração ao começar pela boa remuneração?! Certamente que não. Em taes circumstancias quem auctorisa o descredito do professor?!...

A instrucção mãe tem caminhado, e hade caminhar até tocar o zenith da terminação da presente epocha da destruição. E' necessario destruir para reedificar. Temol-o dito mais d'uma vez.

E diz-se que temos progresso quando não vemos senão retrocesso! O progresso de maior valia retrocede em quanto o de menos importancia caminha progressivamente. Portugal tem trajado de luxo com o que não deve nem poder... Caminhos de ferro, telegraphia, luz a gaz e electrica, avenidas, etc. etc. E' gosar em quanto é tempo e depois, quem sabe... Este quem sabe lá para muito dizer, que não se deve tractar aqui.

Ha formas directas e indirectas para se conseguir o fim que se tem em vista. O seguinte exemplo é um fim directo. Apresentou-se a um rei o seu ministro de instrucção publica com um projecto de instrucção primaria para elle sancionar com a sua assignatura; leu e releu e depois entregou-o ao ministro dizendo-lhe: « não assigno. » Respondeu-lhe o ministro: «... » Então por que não sanciona V. Magestade uma reforma tão condigna, sendo esta a verdadeira alavanca pela qual se afere o adiantamento d'uma nação, emancipando o povo para o bem commum?! » Respondeu o rei: « Não assigno, por que logo que se pozesse em pratica essa reforma, emancipado o povo, conhecendo os seus direitos, nem eu era rei nem os meus ministros seriam o governo da nação, por que em tal caso elle seria o rei e os ministros da nação. Creia, meu ministro, por que esta é que é a verdade nada mais, nem nada menos. »

Portugal dando algumas reformas á sua instrucção mãe tem imitado algumas leis das nações mais adiantadas em civilisação, mas nunca as imitou na remuneração como lá. Já se vê pois que taes reformas em Portugal peccam pela base!

Em 1855 o ordenado dos professores dos Estados Unidos era de 25000 réis ao dia. Hoje não sabemos.

Do que sabemos é que o seu regimen republicano é um bom regimen governativo, muito digno de ser imitado. Ali impera elle impregnado do sentimento religioso. E' o proprio governo que faz descer á mais humilde choupana o sentimento de caridade! Ali não se consente a distribuição de pamphletos ou jornaes atacando a religião Catholica e Apostolica Romana, como nós temos infelizmente visto consentir-se em Portugal, sendo essa a religião do Estado, violando-se e atacando-se os artigos 76, 79 e 109 da Carta Constitucional. E' por que cá impera mais a seita negra do que lá.

Lá o professor primario tem um dos primeiros assentos nas assembleas populares, finalmente tem as merecidas considerações.

O ordenado do professor primario em França em 1885 era de 15000 reis ao dia. Em vista do que deixamos dito,

veja o amigo leitor como Portugal considerava a missão do mesmo professor. Mais d'uma vez tenho advogado a causa do professor publico e todavia é bradar no deserto!

Não venho hoje á imprensa fallar *pro domo mea*, não, por que já não pertenceo á milicia vilipendiada, mas sim por que unica e exclusivamente estou movido pelo que soffrem os que já foram meus collegas.

E dizem os falsos illustrados á moderna que temos progresso?!

Já supra demonstramos a falsidade d'esses apostolos.

Alexandre Herculano e João de Deus, de saudosa recordação, visto não pertencerem ao numero dos vivos, — sem eguaes — souberam melhor que nenhum illustrado á moderna propugnar pela instrução mãe.

O primeiro n'uma sessão do parlamento demonstrou á evidencia a importancia da elevada missão do professor primario e o direito que elle tinha á boa remuneração e melhor aposentação em vista dos grandes capitães que depositava na mão do governo. O segundo immortalizando o seu nome, sem igual, dando-nos o seu methodo da Cartilha Maternal e Dever dos filhos. Também foi eximio propugnador da divindade do sacerdocio do professor da instrução mãe.

E na verdade, é o professor primario que, revestido de paciencia começa com as faculdades intellectuaes da creanga, como que em botão de pouco a pouco desabrochando-a de pétala a pétala, assim lhe vai formando o edificio, formando-lhe os cimentos; sendo depois levado para as escolas superiores é elevado aos empregos mais distinctos da nação. Assim acontece muitas vezes a uma criança trazida d'essas serras para a escola primaria, que não dista d'uma alimaria, e assim faz o professor de uma pedra ou um pedaço de pau um homem prestadio á nação... quando menos um commerciante, um bom artista, um bom e distincto militar, um bom cidadão, etc. etc.

Ha tanto que dizer ainda a respeito da importancia da instrução mãe e do desprezo que a ella se dispensa que — *nescio me vertam, quô*.

Por conclusão diremos que é para lastimar que os que lhe cumpre não se compenbrem do dever sagrado de pagar com gratidão o que devem áquelles que lhe deram os primeiros alicerces do edificio, que ora lhes dá força e energia nos seus discursos da tribuna parlamentar. Fatal cegueira os cega, não lhes deixando ver a fome dos seus missionarios da infancia, a quem lhes devem pagar o devido tributo de gratidão.

Faro.

JOSÉ MARIA GUERREIRO.

O peccado mortal

... et peccatum meum
contra me est semper.

Ps. 50, v. 4

QUE é peccado mortal?
E', segundo a commum definição dos moralistas, a livre transgressão d'uma lei divina que obriga gravemente na consciencia. E' esse monstro horrendo que, quebrando os laços sacratissimos que nos unem a Deus, nos priva da sua amizade e consequentemente da graça santificante, tornando-nos dignos do terrivel fogo do inferno que tem preparado para os que tiverem a suprema desdita de, com as suas más acções, inscreverem o seu nome na lista dos precitos, que são eases que menosprezando os avisos, e os conselhos e os bons exemplos que lhes offercem os homens virtuosos não obstante serem raros, todavia apparecem felizmente ora aqui o a acolá estimulando com as virtudes que praticam, o espirito mais ou menos extraviado do caminho traçado por Deus para a consecução da eterna bemaventurança, á pratica das boas acções, viveram com os olhos cravados na terra sem nunca os levantarem para o ceu d'onde jorram a paz, a justiça, a abundancia, os bens temporaes e espirituaes, e n'uma palavra, todos os beneficios com que Deus a cada instante nos mimoseia a respeito do nosso desmerecimento

D'estas poucas palavras que deixo exaradas ao vê quanto o peccado mortal é prejudicial ao homem. Não obstante desenvolvamos mais o assumpto.

O homem que, obedecendo a um sentimento depravado, a uma inspiração satanica ou a qualquer suggestão diabolica, tem a infelicidade de transgredir um preceito grave de Deus, não faz mais do que construir a escada por onde inevitavelmente ha de descer, se não fizer penitencia, ao abysmo infernal, onde só se respira fogo ardente que abraza continua e eternamente as entranhas dos desgraçados que n'este mundo não conheceram nem praticaram a virtude; d'esses que atravessaram esta vida e frequentando os ha-rens, as tascas, as casas de jogo, onde se esbanja muitas vezes o sustento indispensavel da familia, e abandonando os templos; d'esses que educados nas escolas da maledicencia, da detracção, da impiedade, da immoralidade e da vadiagem, fugiram das praticas e discursos religiosos que frequentemente se fazem ouvir na casa de Deus com o fim de estigmatizando o vicio, o crime e todos os deboches, recommendar a virtude, que sempre deve resplandecer nas nossas acções quotidianas que

decidem da sorte do homem, e de incitar á pratica da mesma virtude, infiltrando nos nossos corações o antidoto para exterminar qualquer tendencia immoral que por ventura ahi se encontra.

E que maior desgraça pôde succeder ao homem do que arder eternamente no fogo infernal, soprado constantemente por legiões de demonios?

A condemnação eterna motivada pela grave offensa a Deus é superior a todas as desgraças que podem acabrunhar o homem.

E porque? Porque as torturas do fogo infernal são eternas, e, comparadas com as que se supportam n'este periodo de perogrinação, o de provação, que se chama vida sobre a terra, e em que a virtude tem de lutar continuamente com o vicio, são infinitamente mais intensas.

A' vista d'isto o homem, para obter o seu futuro e bem estar, para conseguir a viridente corôa da gloria que no dia que Deus destinar ha de cingir a fronte dos escolhidos, deve evitar ou despedaçar todos os laços armados por Satanaz, abandonar os prazeres terrestres, todos elles ephemeros e caducos, e absorver se na contemplação das cousas celestiaes para que, enebriando-se com o prazer que destillam, poder exclamar com S. Ignacio de Loyola: *Quam sordet mihi tellus quum coelo aspicio*. «Quão vil me parece a terra quando olho para o céu.»

Que differença, que contraste entre o santo Patriarcha dos Jesuitas e o peccador obstinado! Aquelle que levantando os olhos para o seu Creador, para Deus que lhe inspira um santo temor ao mesmo tempo que lhe recheia o coração de delicias também santas, que o fazem afastar do horrendo peccado e consumir o seu tempo em louvar o seu Deus com a oração que a cada instante se lhe escapa dos labios, e ao levanta em espiraes d'incenso para junto do throno do Altissimo a implorar-lhe, ora a graça para resistir a todas as tentações com que haja de lutar, ora a mercê de reger a pobre humanidade com torrentes de beneficios que a sua inexgotavel fonte contém; este, rebaixando, deprimindo a sua dignidade, revolvendo-se no tremedal do crime, mergulhando-se no tanque immundo dos prazeres immoraes e satisfazendo todos os instinctos baixos, equiparando-se por este facto ao bruto que não tendo de responder pelas suas acções, trata de saciar todos os seus appetites. E não se julgue que o acabo de expôr é exagero, porque o homem occupando-se unicamente em satisfazer as suas paixões, fecha os ouvidos á voz da razão e da consciencia que lhe apontam a immoralidade do acto que vai pra-



SANTA TECLA, VIRGEM E MARTYR

ticar, para condescender com as exigências dos sentimentos depravados e por consequência equipara-se realmente ao animal que faz tudo isto porque não tem obrigação, como o homem, de conservar intemerata a sua honra e o seu decôro, nem de velar pela salvação da sua alma. Ora para evitar tudo isto, para que no seu semblante se estampasse a imagem da Virtude, o homem tem de pautar as suas acções pelos preceitos divinos; e para que mais facilmente possa cumprir isto, recorra pedindo a sua protecção á Virgem Mãe de Deus, ao *Refugium peccatorum* que esmagou a cabeça da serpente infernal e que é, na phrase do nosso famoso poeta da Tapada, Sá de Miranda:

Um alto poço
de vivas aguas, d'onde a graça corre,
em que se matam para sempre as sodes.

MENDES ROSA.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Questão sobre confins parochiaes

ATÉ no anno de 1855 só houve uma parochia, constituida na igreja parochial e collegial de S. Pedro Apostolo, situada no Monte de Sant'Angelo-na de B. Havendo, porém, augmentado muito o numero de fieis, o Arcebispo creou uma nova parochia na igreja de Nossa Senhora do Carmo, desmembrando-a da antiga, onvindo o arcepreste d'esta e approvando, tanto as reservas e limitações com que accedeu á nova criação, como os confins que o mesmo arcepreste assignalou á nova parochia.

Ainda não tinham passado vinte annos quando surgiram questões entre o parochio da nova parochia e o arce-

preste e cabido da antiga, ácerca do exercicio da jurisdicção e o acompanhamento de cadaveres. Para resolvê-las, propuzeram-se ao Arcebispo as duas perguntas seguintes: 1.^a Se a igreja de S. José, existente no limite das duas parochias, se havia de considerar como pertencente á antiga ou á nova; 2.^a Se em virtude das reservas feitas pelo arcepreste na criação da nova parochia, pôde o cabido da antiga celebrar os funeraes em qualquer das igrejas pertencentes á filial e de tirar d'ali e acompanhar os cadaveres ao cemiterio com a sua cruz propria.

O Arcebispo, em decreto de 23 de janeiro de 1874, respondeu que a igreja de S. José pertencia á matriz e á segunda pergunta respondeu affirmativamente.

Por algum tempo acalmaram-se as questões; reproduziram-se, porém, no anno de 1882, em cujo tempo o Arcebispo nada adiantou para acalmá-las de novo, apesar de o ter procurado

com todo o empenho *ex aequo et bono*: ao fazer a santa visita pastoral, fez um decreto no qual se declarou incompetente para reformar o que foi dado pelo seu antecessor, porém confirmou-o, declarando que a igreja filial correspondia a de S. José e a rua X., facultando ás partes que recorressem á Sag. Cong.; declarou também que o seu decreto devia observar-se emquanto não fosse revogado pela Santa Sé ou não fosse reformado o decreto de 23 de junho de 1874, comminando á parte que se negasse a sujeitar-se áquelle decreto a pena de suspensão *a divinis*.

Julgando-se prejudicado com este decreto o parcho da igreja filial, recorreu á Sag. Cong. do Conc., reclamando contra os decretos, tanto de 1874 como de 1883; defendeu perante ella o seu direito; mas não procedeu assim a parte do arcepyreste e o cabido. Discutida a questão, fez-se á Sag. Cong. a seguinte pergunta: «Se os decretos dos annos de 1874 e de 1883 devem subsistir n'este caso». E a Sag. Cong. dignou-se responder: *Negativamente*.

DEDUÇÕES

1.^a Não devendo ninguem ser condemnado sem ser ouvido, os actos emanados sem citação da parte contraria, são nulos *ipso jure*, assim como o julgamento.

2.^a Pela razão dita, mesmo nos julgamentos summarios não é licito abreviar o processo até ao ponto de não se admitir as provas necessarias e as defesas legitimas; d'outro modo, é nulla a sentença, como ditada sem conhecimento de causa.

3.^a No caso actual, o decreto episcopal de 1874, confirmado por outro de 1883, com razão foi revogado como ditado sem ter sido ouvido o parcho da igreja filial, o qual foi espoliado da sua posse, em favor da qual militam, não só a posição da igreja de S. José, mas os livros parochiaes.

4.^a E' principio de direito que uma casa ou igreja sita no confin de duas parochias, pertence á do territorio em que está sita a porta, segundo os adagios: «Onde está a porta, ahí está a casa e a parochia.—O freguez está onde está a porta principal.—Onde está a porta, ahí está a casa».

5.^a Que a parochialidade se prova pelos livros de baptismo, pelos quaes se veja que muitos foram baptisados, pelos de fallecimentos, dos quaes consta que muitos foram sepultados, é doutrina corrente entre os canonistas e pratica constante dos tribunaes.

SECÇÃO LITTERARIA

AOS ARIANOS

Qual será maior? No anno
Quinhentos e oitenta e trez,
— Não indica a historia o mez —
Defende um dextro ariano
Que o Filho do Sempiterno
E' menor que o Padre Eterno.

Que ignaes são, pelo contrario,
Defende um sabio christão;
Mas não vence a sem-razão
Do habil discipulo de Ario:
Levanta aquelle uma prova
Que este extremunhado approva.

N'uma caldeira a ferver
E' feita a rara experiencia
Que a mais árdua penitencia
Não pudera soffrer:
Da espumante effervescencia
Um anel cae na fluencia.

Mette o catholico o braço
E muito tempo procura,
Porque a espuma fervura
Lhe cauza grande embaraço:
Mas enfim, lá vem agora
O anel já para fóra

Mil olhos leitos se viram
Para o braço são, illezo;
E mil mãos tomam-n'o prezo
Ao anel que todos miram:
Perante este acto de fé,
O Pae ao Filho egual é.

Porém, o controversista,
Como pertinaz herege...
A prova outra vez eloge
Que acabava de ser vista;
E n'uma fatal cegueira,
O anel bota á caldeira.

Ergue a manga, o braço mette
Que o anel não traz á mão,
El'as que ao sahir do cachão
A carne se lho derrete:
Pois do fervesciente poço
Sae queimado até ao osso!...

D'este milagre em prezança,
Em fé tudo fica limnoso;
Porque em quanto um é converso,
Outro robustece a crença:
E assim cedo a negação
A palma ao sabio christão.

ALVES D'ALMEIDA.

EPIGRAMMA

Preparando dois ausentes
Documentos para haver
O que lhes vinha a caber
Lá da casa d'uns parentes,

Diz um d'elles: — Que mais resta?
Temos papeis de solajo,
Porque bem vês, como eu vejo,
Que a verdade é manifesta...

— Mas sendo a lei moveida,
Atalha o seu companheiro,
Resta dar algum dinheiro
A quem nos faça justiça....

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Ruth e Booz

(Vid. pag. 197)

RUTH e Booz são dois personagens do Velho testamento.

Booz desposou Ruth, sendo viua. Eis o episodio d'esse casamento.

Ruth, tendo regressado com Joémi, sua sogra, a Bethlem, disse a Joémi: «Se quizeres, vou por ahí a uma seara apanhar as espigas que escaparem aos segadores, em qualquer parte onde encontre um pae de familia que seja bondoso e me não empeça. — Vae minha filha, respondeu-lhe Noémi.

E Ruth foi e começou a apanhar as espigas que os segadores iam ceixando atraz d'elles. O campo onde ella espigava pertencia a Booz, homem rico e poderoso da familia d'Elimelech, marido de Noémi. Booz recebeu-a ben.

Tendo Ruth voltado para casa da sua sogra, disse-lhe esta um dia: «Minha filha, tenho pensado em te dar estado, e se o projecto que formei dá bom resultado, tenho a certeza que consigo fazer-te feliz. Booz, a cuja gente te reuniste no campo, é, como já t'o disse, nosso parente chegado. Na conformidade da lei que determina que o parente mais chegado d'um Israelita fallecido sem filhos despose a sua viua, tens direito á sua mão. Lava-te pois em agua pura, perfuma o teu corpo com as mais preciosas essencias, veste os teus vestidos mais ricos, e vae procural-o á casa onde elle ha de repousar esta noite, depois de ter mandado joeirar a cevada na eira.

«Quando todos se tiverem retirado, e que elle esteja a pegar no somno, aproxima-te d'elle e lembra-lhe que elle é o parente mais chegado de teu marido, e que segundo as prescripções da lei tem obrigação de casar contigo.»

Ruth fez o que a sogra lhe aconselhara, enfeitou-se como para uma festa, e introduziu-se sem que ninguem desse por isso na eira onde Booz fazia joeirar a cevada. Á noite depois da refeição, na occasião em que Booz ia adormecer junto d'um montão de feixes, Ruth aproximou-se sem fazer ruido, e deixou-se ficar na posição d'uma supplicante que tem algum favor a pedir.

Booz que não sabia o que d'elle queriam, ficou algum tanto atemorizado, e na sua perturbação gritou: «Quem és tu?» Ruth tendo-lhe dito quem era e qual o fim que tinha em vista, Booz lhe respondeu: «O Senhor te abençoe, minha filha, porque este ultimo rasgo de bondade da tua parte excede todos os outros. Joven como és, não trataste de procurar a mão d'um mancebo ou

pobre ou rico, mas cingiste-te ás disposições da lei e não pozeste duvida em dar a preferencia a um velho como eu.

«Não tenhas pois receio algum, eu farei tudo o que depender de mim para te conceder o que desejas, e o farei sem vergonha, porque toda a cidade sabe que tu és uma mulher honesta e virtuosa. Reconheço que sou parente de teu marido que já não existe e que portanto devo casar contigo. Mas ainda ha outro parente mais chegado do que eu, e eu não posso aliar-me contigo sem a recusa d'elle. Descança pois e socega. Amanhã de manhã eu lhe proporei o negocio. Se quizer usar do seu direito de parentesco e ficar contigo, tanto melhor; mas se elle não quizer, então eu casarei contigo, podes estar certa d'isso.»

Induziu-a depois a retirar-se com discrição, andando de modo que ninguém soubesse que ella tinha vindo fallar com elle. Para que ella e Noémi ficassem certas das suas boas graças, não quiz que ella soubesse de sua casa com as mãos vasias, e mediu-lhe seis alqueires de cevada que ella levou para casa no manto.

A' volta contou á sogra tudo o que se passára. Noémi ficou cheia d'esperança, porque sabia, como ella então observou, que Booz não era homem que descançasse sem ter feito tudo o que dissera.

Com effeito, no dia seguinte de manhã Booz dirigiu-se á porta da cidade onde se faziam os julgamentos e ali se assentou, á espera do parente de Ruth que havia de por alli passar para ir para os seus campos. Assim que o avistou, chamou-o por o nome e pediu-lhe que se assentasse ao pé d'elle. Ao mesmo tempo chamou dez dos anciãos da cidade e convidou-os a ouvirem o que elle dissesse.

Quando todos se assentaram, falou d'este modo ao seu parente: «Noémi, que voltou do paiz de Moab, tem de vender uma parte do campo d'Elimelech, nosso parente. Desejei que o soubesses e quiz-t'ó participar diante dos anciãos do povo que aqui estão presentes. Se queres ficar com elle em virtude do teu direito de parentesco, compra-o, e seja teu. Agora se estás d'outro parecer, declara-o afim de que eu saiba o que hei de fazer, pois que ella não tem outro parente além de nós ambos; tu estás em primeira linha e depois de ti sigo eu.» Tendo o parente dito que compraria o campo, Booz accrescentou: «Tu sabes, que nos termos da lei, depois de ter comprado o campo de Noémi, deves casar com Ruth Moabita, viuva do nosso fallecido parente, para fazeres reviver o seu nome na sua herança.»

Elle respondeu-lhe: «Em tal caso prefiro ceder-té o meu direito de parentesco, porque não estou para dividir os

meus bens por um grande numero de filhos; recearia tirar á minha familia todo o seu esplendor. Usa pois tu do meu privilegio, que eu desisto voluntariamente d'elle em teu favor.»

Ora, era antigo costume entre parentes em Israel, que, se acontecia que um cedesse o direito ao outro, o que desistia do seu direito para fazer valida a cessão, devia desatar a sandalia e entregal-a ao parente. Era a formalidade que devia sancionar estas especies de contractos em Israel.

Disse pois Booz ao parente: «Tira a sandalia em signal da cessão que me fazes.» E segurando-a na mão voltou-se para os anciãos e para o povo, dizendo: «Todos vós sois hoje testemunhas de que eu adquiro tudo o que pertenceu a Elimelech, a Chelion e a Mahalon, tudo comprado a Noémi. Sois todos testemunhas de que tomo por mulher Ruth Doabita, viuva de Mahalon, para fazer reviver o nome do defuncto na sua successão e para que o seu nome se não extinga na sua familia entre os seus irmãos e entre o seu povo.»

Os anciãos e o povo que estavam á porta, responderam: «Sim, nós somos testemunhas do contrato, essa mulher que vae entrar na tua casa, seja por a graça do Senhor, semelhante a Rachel e Lia que estabeleceram a casa de Israel! Seja Booz um exemplar de virtude em Ephrata, e o seu nome seja celebrado em Bethlehem: A posteridade que o Senhor te dê por essa mulher, oh Booz, torne a tua casa semelhante á de Pharás, que Thamar deu á luz em Jubá!»

Santa Tecla, virgem e martyr

(Vid. pag. 203)

Segundo o Padre João Croiset, Santa Tecla, virgem martyr, é uma das virgens mais illustres que floresceram no jardim ameno da Egreja. E' celebrada juntamente por muitos dos santos Padres gregos e latinos com grandes elogios, chegando a apellidá-la proto-martyr, porque de facto foi a primeira do seu sexo, que cingiu o diadema do martyrio. Nasceu em Iconium de paes distinctos, mas gentios. Por occasião da prégão do apostolo S. Paulo aos habitantes d'esta cidade, entre as muitas conversões effectuadas, teve a fortuna de conquistar a nossa donzella para Jesus Christo. Era ella dotada de engenho vivo, de vasta comprehensão para não ver todo o fundo de insipiença e fatuidade, que o paganismo encerrava; renunciou pois á credula superstição de seus paes, e decidida, pediu ao apostolo que lhe conferisse o baptismo, sacramento que encheu de graças e consolações.

Estava por este tempo Tecla affiançada já com um mancobo, chamado Tamiro; como tinha porém gostado das doçuras espirituas, tornaram-se lhe insipidas as corporaes. N'esta disposição a confirmou o apostolo observando lhe as prerogativas da virgindade que nos assemelha aos anjos. Quando pois seus paes instaram com ella para que cumprisse a promessa feita, ouviram uma recusa fundada em razões que não queriam comprehender; indispuzeram-se com ella por este motivo, tanto mais que se reputavam offendidos por ter ella abandonado sua religião. Não lhes foi difficil comprehender que n'esta mudança é que estava a causa de sua reconsideração; para, pois, a emendarem e corrigirem, foram denunciá-la ao governador.

Valeu-se o magistrado de todos os recursos do seu engenho e poder para a demover do que julgava caprichos de creança (tinha apenas 18 annos); mas como attentasse na inutilidade de seus artificios, preparou uma grande fogueira, ameaçando-a de a precipitar dentro d'ella, se não abjurasse. Depois d'esta ameaça, ficou-se Tecla ao parecer por instantes perplexa, como quem se concentra para reflectir maduramente; logo em seguida para mostrar aos gentios que a um christão não só não amedrontam supplicios, mas que os defronta com coragem e gosto, correu ella propria a arrojá-la na fogueira. Ficaram attonitos os espectadores, mas muito ainda quando a viram sahir illesa das chamas, graças a uma copiosa chuva que extinguiu a fogueira. Seria este successo o bastante para convencer animos despreoccupados de que havia um poder superior protector da santa liberdade de consciencia; mas os gentios cegos obstinavam-se em attribuir semelhantes prodigios a artes magicas. Portanto quiz o governador tentar se o dente e as garras dos leões e tigres eram mais seguras do que as labaredas de fogo: e n'esta conformidade dispoz tudo para a despedeçar no amphitheatro com as defesas d'estes animaes. Aquelle Senhor que torna inutil o elemento, amansou estas animaes. A' vista d'est'outro prodigio, o povo entrou a clamar que não havia Deus verdadeiro senão o dos christãos, e a pedir em altos brados ao governador que deixasse livre a donzella, o que fez temendo alguma sedição.

A santa depois de ter alcançado tantos triumphos, retirou-se a um monte perto de Seleucia, onde viveu como anjo enlevado nas doçuras da contemplação. Finalmente levou-a o Senhor á gloria a 22 de setembro nos principios do segundo seculo. Os fieis deram honrosa sepultura a seu veneravel corpo n'este mesmo sitio, onde passada a tormen-

ta das perseguições gentílicas, lhe erigiram um templo, transformado ao depois em basilica a expensas do imperador Zenon, que o enriqueceu com preciosíssimas alfaías.

Foi seu culto um dos mais divulgados por toda a Egreja, mas no occidente distinguio-se Tarragona por estar esta egreja metropolitana consagrada a Deus em nome de Santa Tecla. Desejava esta egreja possuir alguma reliquia da sua illustre padroeira; ora como soubesse que Ocino, rei da Armenia, possui um braço d'ella, intercedeu junto do rei d'Aragão, Jacques II, para que enviasse uma embaixada áquelle monarcha afim de fazer a dita aquisição. A embaixada teve logar, levando cartas muito expressivas e presentes, que tiveram o desejado effeito, trazendo aquella reliquia em uma caixa de prata, menos o dedo pollegar. Trouxeram-na para Barcelona; afim de dar tempo a que tudo estivesse convenientemente disposto para a sua instalação em Tarragona, detiveram-na por algum tempo em Gostantin, d'onde a trouxeram finalmente para Tarragona com acompanhamento extraordinariamente luzido do rei, e seu filho, o arcebispo, grandes bispos e abbades. Collocaram-no no altar de S. Fructuoso a 19 de maio de 1323. Por isso celebra-se festa da transladação da santa na dominga depois da Paschoa até nossos dias n'aquella egreja.

SECÇÃO NECROLOGICA



Foi Deus servido chamar á sua divina presença a alma do snr. Bonifacio José Ferreira, do Valle d'Agares, estremo pae da nossa presada assignante, a ex^{ma} snr.^a D. Rosaria Augusta Ferreira. O finado tinha 89 annos d'idade.

Enviando sinceros pezames á familia enlutada, pedimos aos nossos leitores as suas orações por alma do finado.

* *

No dia 7 do corrente, vespera da Natividade de Nossa Senhora, falleceu no Collegio de Campolide, munido de todos os sacramentos da Egreja, o rev.^{mo} Padre Affonseca Mattos, membro da benemerita Companhia de Jesus, redactor do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*.

Foi uma grande perda para a Companhia de Jesus e para o jornalismo catholico, de que o finado era mestre.

Enviando pezames á benemerita Companhia de Jesus, pedimos aos leitores as suas orações por alma do finado.

RETROSPECTO

Medalha pontificia

Foi apresentada a approvação de Sua Santidade pelo Cardeal Mocenni o modelo da medalha que, segundo o costume pontificio, ha de servir para commemorar o 19.^o anniversario da exaltação de Loão XIII á Cadeira de S. Pedro.

Como facto principal do presente anno, recorda-se n'esta medalha a acção do Santo Padre no grandioso empenho da união das Egrejas, que certamente o immortalisará.

De excellentes condições artisticas e com um primor de detalhe que encanta, esta medalha representa o Papa muito parecido e traz a indicação do anno XIX do seu reinado. O reverso apresenta rodeada de nuyem e n'um nimbo a imagem do Salvador, tendo um sceptro e um labaro. Sobre o labaro, cujo extremo se apoia n'um globo terraqueo. leem-se estas palavras: *Unus Dominus*: um só Senhor. Este aponta com a mão direita para um sacerdote copto, que tem enrolada a Encyclica dirigida ás Egrejas orientaes. Uma nave, proximo a sossobrar n'um mar agitado, representa a situação actual das egrejas protestantes e á volta a legenda: *Unum acorle et unus, pastor*.

Serviços d'um Jesuita reconhecido por um protestante

Diz-se que, a pedido do proprio residente de Madagascar, snr. Laroche, protestante, o governo francez dará proximamente a cruz da legião d'honra ao Padre Roblet, sabio Jesuita, que ha muito tempo habita na grande ilha africana e cujos importantes trabalhos foram utilizados pelo corpo expedicionario, por occasião da ultima guerra franco-malgache.

A dedicacão e a sciencia dos religiosos impõe-se aos seus proprios adversarios.

O congresso de Fiesole

As noticias do congresso geral dos catholicos d'Italia, em Fiesole, são cheias de promessas pela forte organização das suas obras, segundo o programma que o Santo Padre traçou no seu Breve ao congresso.

Estas obras tem por objecto provêr á sã educação da juventude, não só nas escolas elementares e primarias, mas tambem nos institutos superiores, graças aos circulos universitarios catholicos; multiplicar as caixas rurais,

que fizeram já suas provas em muitas dioceses da alta Italia, afim de destruir assim a usura e attenuar os conflictos sociaes; reivindicar as franquias municipaes, tomando uma larga parte e cada vez mais disciplinada nas eleições administrativas, para chegar, por um triumpho mais completo dos catholicos, a essas eleições, em que possam garantir a honra do Crucificado e da sua lei nas salas conciliares, segundo as energicas palavras do conde Paganuzzi na sessão do congresso de Fiesole.

D'um modo especial os congressistas trabalham em organizar centros parochiaes e diocesanos, que devem reunir todas as forças vivas dos catholicos d'Italia.

E' assim que a sua acção adquirirá toda a efficacia requerida, pois que esses centros, nos quaes se concentram todas essas associações catholicas, ligam-se ao Comité central permanente da obra dos Congressos e visam assim a realizar o que o Santo Padre acaba de recommendar no seu Breve ao congresso de Fiesole: «Importa, além de tudo, que todas as sociedades catholicas existentes d'um canto a outro do Italia se unam de coração e com diligencia, salvo a natureza e as leis de cada uma d'ellas, á obra dos congressos catholicos, de modo a formarem todas um unico exercito para defender a religião.»

Eis o grito que, do alto do Vaticano, avisa os catholicos d'Italia para se conservarem promptos para uma acção decisiva para salvar a sua patria das ruinas que a opprimem e laval-a das nodas que a mancham.

Os enfermos

A pedido de varios medicos, quasi todos catalães, que assistiram ás sessões do recente Congresso Eucharistico de Lugo, formulou-se alli a conclusão recommendando que os doentes sejam confessados antes de passado o terceiro dia d'enfermidade, e se lhes ministre a communhão, sendo possivel.

Um presidente de republica á altura

O presidente da Republica do Haiti recebendo dos amigos e dos funcionarios as felicitações do annos, respondeu-lhes:

«Agradeço-lhes, senhores, as felicitações. Fui escolhido por Deus antes de ser nomeado pelo povo. Os senhores o sabem, Deus é o Senhor dos destinos, o Senhor dos acontecimentos. Tudo está sujeito ao Seu Conselho. Assim, a Assembleia nacional, chamando-me ao poder, sómente obedeceu aos interesses da Providencia. E', pois, Deus que, por vós, me collocou onde

estou. Tenho a convicção de que esteu nas suas mãos para cumprir os seus designios, executando a sua vontade. Creio-me por isto mesmo bem guardado.»

Este republicano não se parece com os do nosso paiz.

Congresso anti-maçónico em Trento

Eis algumas das adhesões enviadas pelos Prelados francezes ao comité central francez, a proposito do proximo congresso anti-maçónico de Trento:

Senhor

Aix, 3 d'agosto de 1896.

Dou a minha approvação a mais completa á União anti-maçónica de França e ao congresso que deve realisar-se em Trento, no Tyrol, a 26 de setembro proximo, com a approvação do Santo Padre.

Vós atacaes o inimigo social no coração. Mais do que nunca nos encontramos, não em Republica, mas em maçonaria. Os nossos governantes não se escondem já para o dizer.

Para não falar senão da nossa França, a maçonaria acha-se por toda a parte onde ha dinheiro a roubar e mal a fazer. *Eis o inimigo!*—repete-o por toda a parte.

Ha entre nós vinte a vinte e cinco mil, e nós catholicos e honrados, que somos trinta e sete milhões, nós somos a sua presa e os seus servos. Elles opprimem-nos, calcam-nos aos pés e nós não nos defendemos. Se só ensinardes aos bravos a contarem-se e a ousar, prestareis os mais eminentes serviços á causa de Deus e á nossa querida patria, que a seita infernal conduz aos abyssos.

Disse que os maçons são entre nós vinte a vinte e cinco mil; isto, porém, *papel*; na realidade, são apenas algumas centenas que invadem os altos cargos e as ricas sinecuras; não pensam senão no dinheiro, para passarem a vida sem cuidados e se um rei lhes offerecesse mais dinheiro que a Republica, não se fariam rogar por muito tempo para gritar: *viva o Rei!* O resto, verdadeiros carneiros de Panurgio, servem de cortejo aos embusteiros, aos exploradores, aos ladrões; é necessario chamar as coisas pelo seu nome, sob pena de não sermos comprehendidos.

Façam, pois, a luz; o diabo, de que elles são filhos, como disse Jesus Christo, não teme se não a luz: trabalha nas trevas.

As minhas benções as mais cordaes aos valorosos congressistas.

XAVIER, Arcebispo de Aix.

A 20 de abril de 1884, na encycli-

ca *Humanum genus*, Leão XIII resumiu admiravelmente e condensou por assim dizer os motivos das condemnações infligidas pela Igreja á maçonaria, a essa pernicioso associação que tem por fim a ruina de todas as religiões.

Recomendava aos Bispos, aos sacerdotes, aos leigos que a desmascarassem e combatessem.

E' o que o vosso comité se propõe fazer. Não posso senão abençoar e animar os vossos esforços.

Recebam...

Pedro Manuel, Bispo de Tarentaise.

Senhor.

Nancy, 4 d'agosto de 1896.

Uno de mil vontades a minha approvação ás que tendes já recebido dos meus venerandos collegas para o congresso anti-maçónico que deve celebrar-se a 26 de setembro proximo em Trento (Tyrol).

A maçonaria é certamente o maior perigo da Igreja catholica.

Receba, Senhor, os meus sentimentos mais dedicados.

Carlos, Francisco, bispo de Nancy.

Grenoble, 6 de agosto de 1896.

O Bispo de Grenoble julga-se feliz por ser chamado a adherir ao congresso anti-maçónico internacional que deve celebrar-se em Trento (Tyrol) dentro em poucos dias.

Fará preces na mesma epoca, em Reims, com a sua peregrinação do Delphinado.

Envia aos cavalheiros do congresso um trabalho que publica sobre a missão de Nossa Senhora de La Salette, o qual visa a maçonaria, como Pio IX fez na sua encyclica *Qui pluribus jam*, em novembro de 1846.

Esperamos que a Virgem, *que deu a morte a todas as heresias*, acabará com o socialismo maçónico.

Amand-José, Bispo de Grenoble.

Senhor.

Vannes, 7 d'agosto de 1896

Acompanhal-o-hei com os meus votos ao congresso que deseja receber a minha benção. Que Deus o guie e mantenha n'essa luta contra o inimigo da religião e da sociedade! Todos os homens honestos deveriam unir-se n'esta cruzada d'um novo genero e rivalisar em coragem. Mas ah! Estamos longe d'essa união tão desejavel, que faria a nossa força e asseguraria a nossa victoria. Queira, Senhor, receber os sentimentos da minha respeitosa sympathia e servir-me de interprete no seio do comité.

João Maria, Bispo de Vannes.

Senhor.

Mortain, 8 de agosto de 1896.

E' com todo o coração que me junto aos meus veneraveis collegas para approvar e animar a vossa empreza.

Que Deus, n'este duello terrivel entre a Igreja e a maçonaria, abençoe os vossos esforços e faça triumphar a sua causa!

Acreditee que estou convosco com todas as minhas sympathias mais vivas, as preces mais fervorosas, os meus votos enfim de Bispo e de francez.

Queiram acceitar, V. e todos os membros do congresso, os meus sentimentos, respectivamente dedicados em Nosso Senhor.

Abel, Bispo de Coutances e Avranches.

A acção que a maçonaria exerce em nossos dias é tão evidentemente funesta á religião e á sociedade, que não posso deixar de applaudir a idéia da organização de um congresso anti-maçónico internacional e fazer votos pelo completo successo d'uma tão corajosa empreza.

Victor, Bispo de Aix e de Dax.

Faço votos para que o vosso appello seja ouvido por toda a França verdadeiramente catholica e franceza.

Francisco Maria, Bispo de Séez.

Os catholicos e a lei escolar suíssa

Os catholicos suíssos mostraram, a proposito da lei escolar, um notavel espirito de combate.

Em 1882, a quasi unanimidade dos eleitores catholicos suíssos haviam regeitado a lei escolar, apresentada pelo pastor Schenk. Só o Valais deu n'essa occasião 24.000 não em 25.000 eleitores. O fim da lei era tirar aos cantões toda a competencia em materia escolar. Era a secularisação obrigatoria.

Esta lei voltou a ser apresentada, ha dois annos, sob uma outra forma pelo mesmo pastor maçã, e d'um modo particularmente perfido. A confederação dava 50 centimos por cabeça de população — o que assegurava ao cantão tão pobre do Valais 50.000 francos por anno — e o mesmo cantão recusou desdenhosamente, quasi por unanimidade, esta proposta.

A lei não passou e o seu auctor morreu.

Entretanto, os protestantes vingaram-se com a coeducação dos sexos. Hoje, em todo o cantão do Vaud, até aos 15 annos, os rapazes e as meninas estão sob a mesma ferula, a do regente (em geral, mas em certas localidades ha regentes do sexo feminino.)

Na classe, no mesmo banco, os dois sexos são alternados, depois da classe,

os recreios são em commum e a sahida effectua-se do mesmo modo. Isto nos cantões protestantes. Nos cantões catholicos, a commissão escolhar separa os sexos.

Milagres em Lourdes

Este anno, como em todos que a peregrinação nacional franceza vae a Lourdes, houve muitos milagres. Além do entusiasmo que essas curas provocam em Lourdes, cada cura miraculosa provoca tambem um entusiasmo irresistivel nas cidades e villas habitadas pelos privilegiados da SS. Virgem.

A menina Bougués, de 15 annos, de Cette, fôra subitamente curada, no dia 21 d'agosto, d'uma hydropesia de que soffria ha 18 mezes.

Ao receber o telegramma annunciando este acontecimento, o snr. Bougués, pae da menina, que é correspondente de Cette para o *Télégramme*, (jornal oportunista e anti-clerical de Toulouse) escreveu uma carta na qual se lê:

«Não posso deixar de louvar e agradecer ao dr. Bouffier os cuidados tão dedicados como intelligentes de que sempre rodeou minha filha. Mas, declaro-o altamente, quando acompanhei, no dia 19 do corrente, minha filha ao comboio nacional, tinha a convicção de que a abraçava pela ultima vez. Felizmente, nada d'isso succedeu, e ainda duvido d'esta felicidade, tão grande me parece este milagre. — *Alberto Bougués.*»

Vejamos agora como *L'Eclair*, de Montpellier, narra a chegada d'esta miraculada a Cette.

«Quer por confiança, quer por duvida ou simplesmente por curiosidade, havia uma multidão extraordinaria na gare no momento da chegada da peregrinação nacional. Alguns milhares de pessoas se reuniram na gare, ao passo que outras tinham conseguido empurrar o guarda e penetrar no interior.

«O snr. Bougués, pae da menina, munido d'uma auctorisação especial, estava no primeiro lugar, esperando comovido o momento de verificar que o seu sonho era realidade.

«A's 8 horas e 10 da manhã, o comboio parou, e uma menina intrepida appareceu no estribo do comboio, exclamando: «Viva Nossa Senhora de Lourdes!» Era a menina Bougués.

«Houve immediatamente uma explosão d'entusiasmo entre a multidão. Antes que o pae pudesse receber sua filha nos braços, os assistentes precipitam-se para a menina, erguem-na e levam-na em triumpho, exclamando: «Milagre! Milagre!»

«O snr. Bougués teve um trabalho insano para a desprender da multidão, e pôde enfim chorar d'alegria, porque a sua filha, unica e querida, a moribun-

da d'hontem, estava miraculosamente curada.

«Durante a sahida, a multidão de fôra manifesta o seu entusiasmo e a sua fé cantando a *Magnificat*. Este espectáculo é realmente sublime.

«Enfim, a menina pôde entrar n'um trem e ser conduzida a sua casa.

«Todo o bairro da rua *Revolução*, onde ella mora, está alarmado. Os vizinhos, que viram partir a doente com a convicção de que a viagem a Lourdes, — a ultima esperança a tentar — teria por epilogo um tumulo, não crêem o que seus olhos vêem. A menina, que não podia dar um passo dias antes, desce do trem e sobe sem auxilio ao segundo andar da sua casa de habitação.

«Então surge uma procissão ininterrupta de vizinhos e de curiosos, que vêm felicitar a joven doente. Tivemos a felicidade de lhe apertar a mão. A menina estava radiante d'alegria. O rosto, outr'ora cadaverico, está ligeiramente colorido. O corpo, que andava curvado sob o peso enorme da hydropesia, está agora esbelto e apumado, e toda a sua apparencia, d'uma doçura angelica, assemelha-se á d'uma virgem de Raphael.»

Congresso Catholico de Dortmund

No congresso de Dortmund tomaram parte os seguintes oradores: Padre Cypriano, Capuchinho, que falou da caridade christã; barão de Schorlemer, dos operarios; deputado Bochem, da egualdade de cultos no imperio allemão; professor Mardi, das Ordens religiosas; o mineiro Brust, da organização das associações profissionais; professor Happort, das obras e jornaes catholicos; o industrial Vogeno, da questão operaria; deputado Herud, da questão agraria; Mons. Gockel, Bispo de Paderborn, da Sociedade de S. Bonifacio; principe de Aremburg, dos missionarios nas colonias; Mons. Schmitz, Bispo auxiliar de Colonia, da Igreja e da sociedade; o advogado Goertz, da historia da fundação do Centro catholico; por ultimo, o deputado Licher, do poder temporal do Papa.

Os chefes do centro do Reichstag assignaram todos uma proposta pedindo o restabelecimento do poder temporal. O imperador felicitou com entusiasmo o congresso.

Socialistas corridos

Tres oradores socialistas de Paris, os deputados Pelletan e Chauvière e a senhora Vérone, resolveram ir perorar a Warmeriville, ao centro da população operaria das officinas de Val-des-Bois, dirigida tão caritativamente pelo celebre industrial Harmel, catholico d'antes quebrar que torcer.

Os dois deputados e a sua companheira foram recebidos com uma tempestade de assobios, e na sala das conferencias convidaram-nos a metter a viola no sacco.

A auctoridade teve que proteger a retirada dos propagandistas e um acompanhamento ruidoso lhes foi feito até á estação, d'onde Pelletan, Chauvière e Vérone partiram para Paris no meio dos apupos da multidão. Iam buscar lá e vieram tosquidados.

O fisco ladrão

O fisco reclamou ás Irmãs da Apresentação de Maria, em Largentière (França), a modica quantia de 114:000 francos para a taxa d'abonnement (o imposto lançado ás casas religiosas, sobre cada membro d'ellas que morre). Tendo-se as irmãs recusado a pagar, o fisco acaba de arrestar uma casa das Irmãs em Ardèche, que estava alugada á sub prefeitura de Largentière.

E' um descaradissimo roubo.

O fisco fará escola, e vêr-se-ha em breve, segundo diz *La Croix*, os locatarios a expulsarem os seus proprietarios.

Recommendações do papa da maçonaria

N'uma recente circular, o Irmão tres pontinhos e papa da maçonaria universal, Adriano Lemmi, fazia, entre outras, estas duas recommendações:

1.^a Deve-se dizer ao povo que a maçonaria só tem por fim a beneficência e a paz...

2.^a Recommendo aos VV.: II.: que prestem sempre attenção ás disposições maçônicas relativas á cremação dos cadaveres.

Ora, ha apenas um mez que o principe Leopoldo da Prussia, chefe das Lojas allemãs, escrevia uma carta ao imperador para protestar contra as odiosas perseguições e calumnias de que a maçonaria allemã era alvo por parte dos jornaes catholicos.

Como Lemmi havia, ao mesmo tempo, recommendado que se declarasse sempre e em toda a parte que a maçonaria não combate os catholicos, mas os clericos, o principe real emprega uma periphrase para apresentar a sua queixa. Em vez de dizer que os jornaes calumniadores dos maçons são os jornaes catholicos, emprega a expressão: os jornaes do Centro.

Lemmi não podia ser obedecido mais fielmente.

Errata

No n.º 16, pag. 177, 3.^a quadra, aonde se lê—lealdade—deve ler-se—fealdade—E na 7.^a—desorde—em vez de—desordem.